

DISCURSO FINAL CORRIGIDO E REVISADO

Discurso do co-fundador do aa, feito para o grupo keepsbay de NY em 1950 (a pessoa que introduz Bill.AA. para o grupo não diz seu próprio nome).

SENHORAS E SENHORES o nosso orador desta noite já esta no corredor, portanto vamos voltar a nossa reunião. Esta reunião e ponto de referência para o grupo de Keepsbay.

Hoje celebramos o primeiro aniversário do nosso grupo. Para este acontecimento especial, nós convidamos um amigo particular para falar, para todos nos esta noite. Para muitos de nos ele e um velho amigo, para outros de vocês, esperamos que ele se torne um novo amigo.

Em geral a reunião do grupo, keepsbay é uma reunião fechada para alcoólicos somente, em consideração ao nosso convidado e a circunstancia especial de hoje, nós abrimos a nossa reunião para as nossas famílias e amigos. A única coisa que pedimos aos nossos convidados, é que respeitem os desejos do grupo. Estes desejos são os seguintes: O que vocês ouvirem aqui guarde para sí mesmos, aqueles que vocês encontrarem e verem aqui apaguem de suas memórias. O anonimato é a alma e a coluna vertebral do nosso programa. Portanto ajude-nos a conservar a alma da nossa herança espiritual.

Antes de introduzir o nosso orador, eu vou ler a declaração da finalidade do AA, como esta escrita no preâmbulo do grande livro dos alcoólicos anônimos. Alcoólicos Anônimos é uma irmandade de homens e mulheres que compartilham suas experiências, forças e esperanças, a fim de resolver seu problema comum e ajudar outros a se recuperarem do alcoolismo. O único requisito para tornar-se membro, é o desejo de parar de beber. O AA. não está ligada a nenhuma seita ou religião, nenhum movimento político, nenhuma organização ou instituição; não deseja entrar em qualquer controvérsia; não apóia nem combate quaisquer causa. Nosso propósito primordial e manter-nos sóbrios e ajudar outros alcoólicos a alcançarem a sobriedade.

E agora o nosso orador.

Ele foi chamado o maior arquiteto social do nosso século.

Os 12 passos que ele criou, é a maior criação da América.

Sua energia extraordinária e criatividade foi a maior contribuição para nossa irmandade, sem esta contribuição nós não poderíamos estar aqui esta noite.

Deus sabe onde eu estaria.

O que podemos falar de Bill; houve eventos na vida dele e ele viveu estes eventos e agora para compartilhar estes eventos conosco; aqui esta Bill W. o co-fundador dos alcoólicos anônimos. Bill .

Obrigado, muito obrigado, sinto muito por estar atrasado nesta noite. Houve uma impossibilidade de eu estar aqui hoje.

Aqueles que estavam no corredor, por certo, já sabem o que aconteceu! Como eu já disse eu não poderia estar aqui esta noite. Isto veio como um choque terrível. Deixe-me ler o telegrama que recebi hoje pela uma da tarde...: Querido tio Bill: (o telegrama esta endereçada a Bill W. Alcoólicos Anônimos Associação, NY, NY).

O papai faleceu serenamente ao meio dia, no hospital de Akron.

Nós o chamaremos na tarde de hoje, depois das providencias para o funeral. Com nosso amor para vocês tio Bill e tia Lois; os seus Sue e Bob Junior.

Doutor Bob meu parceiro, meu amigo, nosso amigo! Faleceu.

Como eu disse, eu não viria hoje, mas Lois, minha esposa disse: qual o melhor lugar para estar, senão entre os amigos de Bob?

Recebi também uma chamada do Padre Ed Dowling de São Luiz.

-Vá, vá... Vai fazer-lhe muito bem; apenas não fale de sí mesmo, mas a respeito de Bob e do começo. Conte a nossa historia.

Não faça um velório irlandês (nos velórios de Irlandeses eles têm o costume de irem bêbados).

Portanto, eu decidi vir. Se eu não fizer as coisas com muito sentido, entendam, apenas quero compartilhar com vocês. Compreendam que eu acabo de receber uma trágica notícia.

No caminho, eu escrevi umas pequenas anotações para comemorar o acontecimento do aniversario deste grupo.

Mas, com a permissão de vocês, eu gostaria de deixar este acontecimento fora do caminho antes de começar a nossa reunião.

Nós precisamos comemorar o primeiro aniversário deste grupo. Depois falamos da vida do Doutor Bob que é semelhante à nossa.

Agradeçamos a Deus por libertar muitos de nos da servidão, e estamos aqui para anunciar para todos os amigos a nossa profunda gratidão por toda a ajuda que Ele nos deu no milagre da nossa recuperação.

Tudo isto parece ser um discurso, mas nos não fazemos discursos; e sim contamos a história de nossas vidas.

Assim será como eu vou compartilhar a minha história.

Por onde eu começo?

A minha história teve começo há 16 anos atrás, em 1934 no fim do verão, em setembro.

Eu era paciente no Hospital Charlestown, na parte alta da cidade, Central Park West. Eu já havia sido paciente ali antes. Essa era a minha quarta visita, pela terceira vez no mesmo ano.

Eu estava na parte de cima, vestido com uma camisola pijama do Charlestown, daquelas camisolas que se amarram nas costas.

Minha esposa estava na parte de baixo, falando a meu respeito com o Dr. Silkworth.

Uma hora antes, ele esteve me observando, e concluiu que eu era um alcoólico. Como o meu alcoolismo tinha se tornado de um hábito e uma obsessão e o meu corpo, havia desenvolvido uma alergia pela substância que eu desejava e mais ainda concluiu que eu estava morrendo.

Para ele, eu era um alcoólico crônico. Ele tinha desenvolvido um conceito, uma teoria, depois de ter tratado mais de mil homens com uma doença semelhante a minha.

Para ele eu tinha uma doença, uma doença como nenhuma outra. Esta doença acabaria por matar-me se eu fosse deixado aos meus próprios cuidados. A sua sincera opinião era esta.

Ele dizia a Lois que ela devia me internar no Rockland State, Hospital para os doentes mentais. Ela poderia fazer isso, porque eu era um alcoólico crônico!!! Ele queria que ela fizesse isso, porque ele sabia que eu estava me matando.

Lois disse a ele: Doutor, você não entende, um homem como o Bill! Nunca conheci um homem como Bill. Quando ele põe uma coisa na cabeça e decide fazê-la, ele faz! Por que ele não pode deixar de beber?

O Doutor repetiu: Ele tem uma doença difícil de entender, difícil de tratar, mas, é uma doença de qualquer maneira. Que seria melhor se ela seguisse as sugestões dele.

Eu, lá em cima, pensava comigo mesmo: Por que eu? Por que isto acontece comigo? Refleti o meu passado e pude entender como alguns acontecimentos do passado me trouxeram a este caminho. Eu não me criei para viver desta maneira. Talvez se procurasse uma razão... Era o fato do meu pai ter tido problemas com o álcool?

Este foi o motivo para o divórcio de meus pais.

Quando eu tinha oito anos, eu e minha irmã fomos abandonados por meu pai, como resultado de seu alcoolismo.

Minha mãe partiu logo depois e eu fiquei com meus avós maternos.

Meu avô, desde minha infância colocou em minha mente a idéia de que eu deveria sempre ser o número um. Eu penso que aos doze anos, com a minha vontade de ser sempre o número um, fiz o primeiro boomerang americano. E isso está no livro de Records, que eu fui o primeiro a construir o boomerang americano. Eu tinha recebido de presente do meu avô, no dia do meu aniversário, um livro sobre a Austrália e o boomerang australiano; e meu avô dizia com muita admiração que eu era o único menino que aos doze tinha feito um boomerang.

Eu fiz isso, com unhas e dentes, para provar que eu podia ser igual a um aborígine.

Depois de seis meses, que fui movido pelo desejo do poder, eu criei o primeiro boomerang e ele funcionou. Depois disso, eu me tornei o número um, aos olhos de meu avô; e de acordo com ele, também número um para os olhos do resto do mundo.

Eu não pude compreender então, naquele dia, de que minha vida se tornaria um boomerang emocional, que continuaria até o fim de minha vida.

Vinha daí, a minha necessidade de ser sempre o número um, em tudo que eu fizesse.

Talvez, seja essa a razão porque eu me tornei um alcoólico.

Eu bebi por apenas 17 anos. Eu tomei o meu primeiro gole, quando tinha 22 anos no exército, servindo em Massachusetts, com minha esposa.

Dezessete anos mais tarde, eu estaria internado como um alcoólico crônico. Foram 17 anos perdidos; não tudo por minha culpa, pode ter sido talvez, por causa da queda da bolsa de valores, em 1929. Quando isso aconteceu, eu também cai. Entrei e sai de hospitais, asilos, casas de repouso, hospícios, manicômios, instituições lugares para desintoxicação e tudo mais. Eu me tornei um bêbado, sem esperanças. Perdi tudo o que nos tínhamos. E aqui estava eu, aos 39 anos um alcoólico doente e um Doutor querendo me internar num hospício, para o resto de minha vida.

Graças a Deus Lois não ouviu o Doutor.

Ela veio me visitar e me levou para casa de qualquer maneira.

Não para a minha casa, porém para a casa de meu cunhado.

Nós estávamos morando na casa dele, sem pagar aluguel, na rua Clinton, no alto Brooklyn.

Loiz tinha conseguido um serviço, numa loja no centro de Brooklyn. Estava ganhando um salário de 22 dólares por semana.

Todas as coisas de valor que nós possuíamos já haviam sido vendidas.

Eu continuava a ser um alcoólico crônico. Ela me levou para casa mesmo assim, desta maneira, dando-me uma última oportunidade.

Durante dois meses, eu provei que o Doutor estava errado, totalmente errado.

Afinal eu não era um alcoólico; e não sai de casa por dois meses, até no dia do Armistício em 1934.

O dia do Armistício era um dia muito lindo, tão lindo, que eu nem sei como descrevê-lo.

Eu me sentia como um homem que valia um milhão. Olhei pela janela e disse: querida eu gostaria de jogar um pouco de golfe. Talvez este seja o ultimo dia de verão tão bonito assim. Gostaria de jogar um pouco antes da chegada do inverno.

Ela tentou me desencorajar dizendo: querido, fique e recupere as suas forças primeiro. Eu insisti, insisti, até que ela finalmente concordou; me deu alguns dólares.

Fui para o porão peguei a bolsa de golfe e andei ate a estação de barcos, para atravessar para Staten Island. O do clube de golfe ficava em Staten Island.

O sócio do clube era meu cunhado; eu poderia jogar, pois ele pagava mensalidade.

Atravessei para o outro lado, peguei o ônibus e continuei, sentindo-me como um homem de um milhão.

Quando eu estava no dentro do ônibus, notei um homem sentado com um rifle nos braços. Não sei o que vocês pensam, mais em Nova York, você tem manter os olhos num tipo com um rifle nos braços! Decidi, que o melhor para mim, era sentar me perto do homem com o rifle.

Depois de algumas paradas do ônibus, perguntei para ele: Amigo aonde você vai indo com este rifle? Ele respondeu: estou indo para uma competição de atiradores; acontece que a disputa de atiradores era noutra clube perto do clube de golfe.

Ele tinha vindo, apenas para praticar nessa tarde.

Como eu tinha sido criado em Vermont, sabia um pouco a respeito de atirar. Então, comecei a falar tudo que eu sabia a respeito de atirar, e para impressioná-lo mais, no meu desejo de ser sempre o numero um, comecei a falar tudo que sabia sobre artilharia que tinha aprendido, quando serví o exército, em Massachusetts, durante a primeira guerra. Lois esteve lá comigo.

O homem ficou muito impressionado com o quanto eu sabia, apesar de que ele sabia muito mais do que eu.

De repente, um táxi bateu na traseira do nosso ônibus. Não foi nada sério, apenas uns arranhões e sustos.

O motorista teve que descrever para a policia e pediu outro ônibus, para continuar a viagem.

Quando ficamos esperando parados no passeio, vimos um pequeno boteco (aqui o Bill usa uma gíria-- vimos um speakeasy, que significa um pede cochichando ou baixinho. Esta meia porta de botecos só podia vender refrigerantes, contudo, vendiam bebidas alcoólicas ilegalmente, às escondidas).

Atravessamos a rua e tocamos na meia porta do boteco. O dono abriu e perguntou-nos o que queríamos. Meu

amigo pediu um uísque e eu pedi uma Ginger ale. Ele me perguntou: Você não bebe? Eu respondi: Não.

-Por que não, ele me perguntou.

Daí para frente, eu comecei a contar-lhe toda a minha vida, de hospitais a hospitais, das instituições, casas de recuperação, dos hospícios.

Contei-lhe tudo a respeito de minha vida. Ele disse para mim, que eu era um homem notável.

Aí então, eu compreendi que ele era um homem muito inteligente. Ele havia escutado tudo que eu havia lhe contado, com a maior atenção. Nunca até então, ninguém havia dito uma palavra delicada a meu respeito ou para mim.

Ele continuou, eu tenho parentes e amigos, que tem uma história semelhante à sua, contudo, hoje eles estão presos, em hospitais ou mortos ou vagando pelas ruas. Você parece-me ter encontrado o caminho para curar-se, e isto é remarcável muito remarcável!!

E continuamos conversando.

Porém, todas as coisas têm que chegar ao fim.

O motorista fez um sinal para nos, dizendo que o outro ônibus havia chegado.

Já havia chegado o outro ônibus e continuamos a nossa viagem.

Depois de mais de uma milha, eu não queria deixar o homem ir embora, necessitava do reconhecimento dele; sentia que estava me afirmando pessoalmente, e como a prática de atirar não começava até as duas da tarde, disse para ele para fazer-me companhia.

Sugeri que ele tomasse lanche comigo no meu clube de golfe.

Como eu já disse eu não era sócio do clube, mas sim o meu cunhado; e continuei, depois do lanche nós podemos passar por um atalho e chegar até o seu lugar de praticar.

Ele gostou da idéia.

Quando o ônibus chegou na minha parada, ele desceu comigo.

Nós entramos no clube e nos dirigíamos para a sala de jantar.

O gerente do clube veio ao nosso encontro e disse-nos:

-Sinto muito mais o salão de lanches está fechado. Hoje é o dia do Armistício e eu dei folga para todos os empregados. Se vocês quiserem, eu posso trazer-lhes um lanche no bar.

Meu amigo me perguntou se eu me incomodaria com isto, eu disse que não, uma vez que já tinha passado no primeiro teste: Eu tinha saído do primeiro lugar que havíamos estado antes, sem beber nada. Eu estava certo que poderia resistir ao segundo teste.

Nós fomos para o bar, sentamos nos banquinhos. O meu amigo pediu um Scotch com Ginger Ale e eu pedi um sanduíche com uma Ginger Ale.

Como eu já disse, o meu amigo estava tornando-se cada vez mais sabido como passar dos minutos.

Ele me disse: você é mesmo uma pessoa admirável! Você é um ex-alcoólico e está no meio de um mar de tantas bebidas alcoólicas! Isto não o deixa perturbado?

Eu disse que não, eu estava certo de que já estava curado e que o doutor estava errado.

Eu teria que contar para minha esposa. Finalmente eu pedi a conta já estava assinando, pois assim meu cunhado poderia pagá-la sem problemas.

Já nos preparávamos para sair, quando o garçom trouxe dois copos de bebidas misturadas e as colocou a nossa frente.

Por favor, bebam, é por conta da casa em celebração do dia do Armistício.

Eu peguei o meu copo e virei de uma vez. Quando olhei para a cara do meu amigo, percebi que ele já não tinha mais aquela cara de sabido, porém a maior cara de tonto que eu já havia visto.

Ele disse então para mim: Meu amigo, depois de tudo aquilo que você me contou que o álcool fez para você, teve coragem de tomar esta bebida? Você deve ser louco, completamente louco!!!

É verdade, eu sou louco.

Depois disso, durante a noite minha esposa me encontrou entre a primeira e a segunda porta de entrada de minha casa. Eu tinha caído e havia um corte na minha cabeça e estava desmaiado, segurando ainda a bolsa de golfe.

Naquele dia eu não tinha jogado golfe, eu tinha ficado bêbado. E concluí que o doutor tinha razão e estava muito certo.

Na manhã seguinte, cheio de remorso e pena de mim mesmo, eu compreendi que eu era um alcoólico e que o seria até o fim de minha vida.

Acreditei que até o fim de minha vida, no dia em que eu morresse, quando eles cobrirem o meu rosto com um lenço, eu continuaria a ser um alcoólico. Irei ser um alcoólico morto, e não há nada que eu possa fazer.

Sabia também, que eu seria um amaldiçoado, se tivesse que morrer num asilo para loucos, queria ter a coragem para tirar a minha própria vida. E era isto o que eu pensava fazer, beber e beber até morrer.

Nas semanas seguintes, eu roubava um dólar para comprar o rum que eu necessitava.

Três garrafinhas de jin que sempre me conduziam as portas do abismo.

Dia após dia, eu ficava naquela casa vazia no Brooklyn, bebendo para morrer e escrevendo, de vez em quando, cartas cheias de ódio para o Presidente Franklyn Roosevelt, dizendo como ele estava governando pessimamente o país.

Estas cartas, eu posso mostrar para vocês, nunca recebi respostas delas. Acredito que Lois nunca as colocou no correio.

Este seria o meu futuro e o meu fim.

E o que me importava que isto acontecesse.

E foi nesta situação que Abby me encontrou.

O meu velho amigo Abby, das nossas salas que vocês conhecem também.

Abby me chamou uma tarde; ele disse Bill posso ir até a sua casa?

-Claro que você pode vir Abby. Venha sim, por favor, Abby, eu detesto beber sozinho.

Como seria maravilhoso passarmos uma tarde juntos, recordando o passado!

Então fiz algo que considero um ato heróico, para um bêbado como eu.

Tinha uma pequena garrafa de gim que havia escondido atrás de uma cômoda no banheiro do porão. Trouxe a garrafa e a coloquei na mesa da cozinha.

Lembrei que o Abby tinha um estomago delicado; encontrei uma garrafa de suco de abacaxi que creio que Lois tinha trazido de uma reunião de pintores que ela assistira. Coloquei tudo na mesa, e fiquei esperando o meu amigo, a fim de passarmos uma tarde agradável.

Eu estava certo de ele traria uma bebida também.

Enquanto eu esperava, estava lembrando um amigo meu e do Abby. Este amigo tinha me contado que Abby em uma de suas bebedeiras tinha entrado com seu carro na sala de alguém perto de Albany.

Quando abby chegou e já estava sentado no sofá eu fui perguntando-lhe: Abby como você conseguiu escapar daquela confusão lá em Albany? Eu quero ficar informado para guardar no meu record.

Abby foi me dizendo: Você poderia esquentar um pouco de café para mim?

Havia algo que eu tinha notado logo que abrí a porta para ele. Alguma coisa estava diferente, ele estava sóbrio, limpo com um terno bem passado, com os sapatos engraxados.

Eu estava num estado terrível; barbudo, com uma barba de três dias, de camiseta, com uma calça do meu cunhado que era um numero e meio maior do que o meu; minha calça raspava a barra no chão.

Loiz gostava disso, pois ela dizia para as amigas que a minha calça varria o chão.

Abby não tinha bebido e estava de mãos vazias. Eu pensei comigo: Talvez ele esteja sem dinheiro.

Nós falamos de algumas coisas agradáveis, e eu disse a Abby: Vamos para a cozinha que é mais quente. Ele me seguiu e sentamos ao redor da mesa.

Falamos mais algumas coisas interessantes.

Finalmente, nós dois começamos a olhar para a garrafa de gim.

Comecei a colocar a bebida no copo e disse a Abby: Que tal um gole? Ele respondeu: Não Bill obrigado, eu não estou bebendo.

Eu disse: O que acontece, velho amigo, você não está bêbado e não esta bebendo? Ele respondeu: Vamos dizer que

eu encontrei religião!

Eu pensei comigo mesmo: Oh meu Deus! Deixei um fanático religioso entrar na minha casa?

Continuei dizendo a mim mesmo: Não é uma notícia tão triste assim, eu posso ter toda essa bebida para mim sozinho! Eu não iria, portanto, ficar ressentido com qualquer religião em que ele tivesse se metido.

Qual foi a região afinal que você encontrou?

Ele respondeu: Deixe-me dizer que encontrei a religião do bom sentido.

Eu pensei comigo mesmo: Eu nunca ouvi falar em nossa senhora do bom sentido!

Bill, você não sabe o poder que o álcool tem sobre mim?

Eu compreendi logo, que não ia dizer o que eu já sabia.

Não, eu disse: Eu não sabia que você tem um problema com o álcool.

Disse Abby: há apenas um mês atrás, depois de mais uma briga, eu me encontrei na sala do juiz.

Ele queria punir-me com toda a severidade da Lei, queria me deixar preso.

Eu tinha me metido em muitas brigas e essa última, tinha passado do limite.

Meus amigos, minha família me queriam fora das ruas. Quando eu fui à presença do Juiz, uns amigos que você também não conhece, vieram para a minha audiência. Quando ele disse o nome deles, eu entendi que eu não os conhecia.

Eles eram um grupo de desconhecidos.

Um dos membros do grupo disse ao Juiz: Excelência, entregue-o para nós. Creio que nos podemos ajudá-lo a resolver seus problemas.

Eles eram membros do Oxford grupo. Você já ouviu falar deles?

Eu respondi: Claro que sim, pois eu já havia lido a respeito deles nas colunas sociais.

Para mim eles eram um grupo de bichas dançarinas que se reuniam para tentar resolver entre eles mesmos, problemas de drogas, alcoolismo e adicção ao jogo.

E Abby continuou por dizer que não pretendia ficar envolvido com eles.

Como o Juiz não tinha nada a perder, ele me entregou para eles. E assim, eu fiquei envolvido com eles.

Depois de algum tempo entre eles, e escutando o que eles diziam, acabei por aceitar algumas idéias deles, e usei essas idéias para ajudar a mim mesmo.

Parece que funcionou para mim.

Eu perguntei: Que idéias meu amigo?

Ele respondeu: Por exemplo: Eu aprendi a ser honesto comigo mesmo, pela primeira vez, em minha vida e também, compreendi o que o álcool tinha feito comigo.

Então, ele continuou dizendo que tinha que compartilhar de maneira estritamente confidencial, com outras pessoas, estas coisas.

E que teria de tomar uma decisão de fazer reparação por todo o mau que eu havia feito com o meu alcoolismo.

Deveria também, ficar decidido a ajudar a outras pessoas como eu, a se livrar do alcoolismo.

Eu deveria fazer isto pelo resto de minha vida.

E por isto, que quando ouvi dizer que o meu velho amigo, Bill Wilson estava fechado em casa no Brooklyn, encerrado em si mesmo, bebendo para morrer! Eu disse aos meus amigos, deixe-me dar uma olhada nele. E por isso que eu estou aqui hoje.

Eu fiquei muito ofendido e disse-lhe: Escute bem, quem lhe deu tal idéia?

Você está completamente enganado!

Eu posso ter um ou outro mau momento, mas não estou fazendo o que você pensa.

Ele respondeu: Está bem, pode ser que eu esteja errado.

Bill disse-lhe: De onde você tirou todas essas idéias?

Abby respondeu: Não Bill, mas, existe uma outra idéia da qual eu sei que você não vai gostar, mas tenho que dizê-la de qualquer maneira. Eu sei como você vai considerar essa idéia, será como uma piada para você. Eu tive que pedir também a Deus para ajudar-me a fazer estas coisas e para que ele me ajudasse a continuar no caminho certo. Eu

tinha que pedir a qualquer um Deus, que eu pudesse entender, para ajudar-me, e reconheci, sem julgar de que ele poderia estar certo. Porém, eu lhe disse: Não, obrigado, muito obrigado e o acompanhei até a porta mandando-o ir embora.

E esta foi a tarde muito agradável com o meu amigo!

A idéia de alguém vir em minha casa e falar de um compromisso com um Deus era absolutamente ridícula.

Eu sou um engenheiro na pratica pessoal, e admito a ordem natural das coisas; contudo, eu não posso aceitar a idéia de uma consciência suprema, de uma divindade pessoal que possa ajudar-nos a resolver os problemas da vida.

A idéia me parecia completamente ridícula; e tudo isto, eram as idéias do meu amigo Abby.

Eu continuei a beber, mas uma coisa engraçada aconteceu nos dias seguintes; eu não conseguia tirar da mente a visão do Abby.

Ele se tornou uma outra obsessão. Eu pensava somente de que ele estava sóbrio e eu bêbado.

Pensei que eu deveria também ficar sóbrio.

Afinal, eu era o número um em tudo, eu é que deveria estar falando da vida com sobriedade, para ele e para todos os demais.

Alguma coisa estava errada, e a obsessão foi crescendo e crescendo.

Finalmente, eu pensei, comecei a entender e a compreender. Por um breve instante eu pensei: Se alguém aparecesse e me dissesse que havia um médico que pudesse curar um câncer dos olhos, eu estaria disposto a ir de mãos no chão e joelhos para encontrá-lo; e eu tinha uma doença igual ao câncer, que estava me matando, e eu não estava fazendo nada me curar.

Quanto mais pensava a este respeito, compreendia que estava louco.

Eu teria que investigar isto.

Eu tinha vivido a minha vida investigando, como um investigador de empréstimos.

Eu poderia analisar este grupo Oxford.

Eu poderia fazer uma análise profunda desse grupo, para ver se eles podiam ajudar-me.

Talvez eu poderia dar uma olhada e aproveitar o que eles tinham de bom para oferecer; o resto eu deixaria de lado.

Ninguém precisaria saber disto, talvez Lois, ninguém mais, a não ser Abby, caso ele me visse.

Eu falei da minha idéia pra Lois, e que Deus a abençoe; e ela me ajudou.

No dia seguinte, com a ajuda dela eu me banhei e fiquei asseado.

Ela me deu alguns dólares.

Finalmente, nesta tarde, eu peguei o metrô para Manhattam, a fim de dar uma olhada no grupo Oxford.

Eles se reuniam na Missão do Calvário na Rua 23.

Creio que alguns de vocês recordem o local.

Quando eu desci do metrô, compreendi que havia feito um erro; eu peguei o metrô no Brooklyn e descí no Oeste de Manhattam em vez de ir para o lado Leste, onde ficava a missão, e nesta parte, a distância é maior entre o Oeste de Manhattam e o Leste (a Ilha de Manhattam é dividida no meio pela quinta avenida, lado Oeste e o lado que esta New Jersey do outro lado do rio, o lado Leste tem Brooklyn e Queens do outro lado do rio).

Como ainda era cedo, decidi ir andando até a reunião, porque ainda havia muito tempo até o começo da reunião.

Depois de ter andado alguns quarteirões, comecei a olhar pelas janelas para dentro dos bares, meus lugares de bebedeiras, para ver se via alguém que eu conhecia.

Não via ninguém; eu continuei andando e fui ficando desesperado, pois, já estava chegando perto da missão, onde haveria a reunião.

Decidi atravessar a rua para dar uma olhada na janela de um dos meus bares favoritos para bebedeiras.

Olhei pela janela para ver se havia alguém conhecido lá dentro.

Entrei no bar olhei ao redor e não reconheci ninguém.

Então, eu disse a mim mesmo: Por que você não espera? Pode ser que apareça algum conhecido.

Esperei, esperei e esperei, não apareceu ninguém.

Quando alguém espera dentro de um bar, tem que pedir alguma coisa para beber, para não parecer suspeito, eu pedi

uma cerveja, depois mais uma e mais uma com um gole para ajudar.

E antes de perceber, eu perdi a consciência como era meu costume, e fazendo tudo isto quem tinha vindo para uma reunião em Manhattam!

Quando recuperei a consciência, percebi que estava conversando com um sujeito que falava com um sotaque muito pesado.

Pude entender que o homem era um pescador Finlandês.

E eu tinha vindo para uma pescaria de homens.

Eu disse para meu novo amigo; venha comigo, vamos encontrar Deus. Porque eu ainda tinha uns dólares; ele me acompanhou, pois sabia que ainda poderíamos beber mais um pouco.

Depois, enfim chegamos à missão.

A reunião já havia começado.

Tex Francis estava na entrada. Ele queria impedir-nos de entrar, pois percebera que nos estávamos embriagados.

E começamos a dar empurrões uns nos outros, e eu já estava preparado para levar mais uma surra costumeira.

Neste momento apareceu Abby, ele percebeu a situação e disse para Tex: Pode deixar que eu vou ser o padrinho deles lá dentro.

E nós entramos na missão.

Lá dentro, o mau cheiro era envolvente.

Os rapazes vinham usando a mesmas roupas por anos seguidos. O mau cheiro do corpo deles era insuportável. Alguns tinham as calças molhadas de urina e fediam fezes também.

O cheiro de álcool era sufocante.

Havia um grande bule de café fervendo, uma panelona de feijão.

Eu me recordo até hoje, todo aquele cheiro inesquecível. Abby deu-nos um prato de feijão e uma caneca de café e eu fui me sentar no meio deles.

Depois de comer o feijão e beber o café, eu comecei a melhorar do estado alcoolizado.

E dai para frente comecei a pensar que, afinal, estes rapazes não eram tão maus assim .

Eles apenas tinham descido um pouco mais do que eu tinha descido na vida.

Depois que eu comecei a me sentir melhor, creio que perdi a consciência outra vez.

O que aconteceu depois foi me contado por Abby na manha seguinte.

Parece que durante a minha perda de consciência, quando alguém começou a dar testemunho, eu voltei à consciência e me levantei juntamente com o finlandês e fomos para frente do grupo.

Logo em seguida, comecei a aceitar a Cristo. E, antes que alguém pudesse entender o que eu estava fazendo, comecei a entoar cânticos pulando, tocando tamborim e gritando por Jesus.

E também dava testemunho do perigo e miséria do álcool.

E de acordo com Abby, todo mundo ficou estático e me admirando e concordando comigo. Todos estavam encantados comigo.

Quando ele me contou tudo isto, na manha seguinte, eu fiquei completamente mortificado, pois, eu sabia que eu não acreditava em uma só palavra do que havia dito.

Eu sabia somente de uma coisa: Eu jamais voltaria a Manhattam.

O simples pensamento de encontrar algum bêbado e que ele viesse me dizer: Você foi um espetáculo na missão na outra noite.

Essa idéia era repulsiva para mim.

Pude compreender então, que este era o início da loucura do álcool.

Eu estava caindo cada vez mais e jamais me recuperaria!

Eu agora estava chegando no fim!

Abby apenas disse, quando ia saindo, na porta: Você tinha me convencido e foi-se embora. Eu voltei para casa e continuei cheio de piedade de mim mesmo; logo percebi alguma coisa, que eu não tinha percebido naquela manha.

Quando eu enfiei a mão no bolso traseiro da minha calça eu encontrei dinheiro.

Loiz ia saindo e eu entreguei o dinheiro para ela.

Percebi então, que uma coisa semelhante nunca jamais tinha sucedido comigo. Quando eu voltava para casa, jamais regressava com um tostão no bolso, gastava até meu último centavo; alguma coisa havia acontecido?

O que era, eu não sabia! Eu teria que descobrir!

Seria necessário, portanto que eu me tornasse sóbrio.

Claro, eu ficaria sóbrio e voltaria ao grupo Oxford, para saber o que havia acontecido.

Eu teria que tentar sair daquele abismo em que tinha jogado a mim mesmo. Eu teria que descobrir de qualquer maneira, como eu poderia tornar-me sóbrio?

A minha experiência me dizia: Voltando para o Towns Hospital, meu cunhado pagaria; certamente ele pagaria os 125 dólares para pagar os cinco dias necessários para eu me tornar sóbrio.

Bem eu não sei a respeito de vocês!

Eu apenas sei, que para alguém se tornar sóbrio ele tem que ficar bêbado.

Claro que não haveria sentido ir para o hospital de ressaca, e o desperdício de dinheiro, pagar 125 dólares para ficar sóbrio!

Como eu tinha sido tonto, o bastante para dar o meu dinheiro para minha mulher; eu não tinha dinheiro para beber.

Quando enfiei a mão no bolso, encontrei apenas seis centavos.

Com cinco centavos eu pagaria o metro, me sobraria um centavo! Nem no Brooklyn você poderia ficar bêbado com um centavo apenas .

Eu me vesti e fui andando, de bar em bar, até que conseguir encontrar um que me vendeu fiado.

Vendeu-me fiado graças ao crédito de Loiz. Eu comprei fiado quatro garrafas de cervejas.

De cara, bebi duas garrafas, pois eu tinha muita sede.

As outras duas garrafas, eu levei comigo no metro. Ofereci uma para uma pessoa no metro, e a pessoa recusou.

Não tive outro jeito, senão beber mais uma.

Finalmente, quando cheguei ao Towns Hospital, sacudindo a última garrafa no ar sobre a minha cabeça.

De cara, encontrei o Doutor Silkworth e fui gritando para ele: Doutor, eu encontrei Deus.

Ele deu uma olhada em mim e na minha garrafa e foi dizendo apenas: Eu vejo a sua situação meu rapaz, vá logo para cima e troque de roupa.

Eu fui para cima, troquei de roupa e terminei a última garrafa de cerveja.

Três dias mais tarde, depois dos calmantes e do álcool, estava deitado na cama cheio de remorso, de culpa e de piedade de mim mesmo.

Sentia-me mais do que tudo, cheio de raiva, meio enlouquecido e completamente humilhado.

Cheguei à conclusão, depois de uma luta tremenda comigo mesmo, que eu não tinha nenhuma intenção de ver o grupo Oxford outra vez.

Eu devia 125 dólares ao meu cunhado e tinha, também, causado uma situação, minha mulher não falava mais comigo, com toda razão; e continuava a pensar na coisa terrível que eu havia feito.

Quando olhei para a porta, vi que Abby estava ali.

A primeira coisa que eu fui dizendo para ele foi a seguinte: Aqui esta um homem que pratica aquilo que diz!

Eu tinha ouvido os empregados do hospital dizendo como estava frio quando chegavam para trocar de turno, eis que aqui estava o meu amigo que tinha vindo me ver e visitar apesar de tanto frio!

E, a única coisa que ele disse para mim foi: Sinto muito vê-lo aqui outra vez Bill! Eu tinha pensado de que o programa havia funcionado para você desta última vez! Contudo, creio que estava enganado. Se você precisar de ajuda, não se preocupe, você pode me chamar outra vez. Torne sua vida para Deus.

Eu disse-lhe: Espere um momento Abby, qual era mesmo aquela simples fórmula que você recebeu do povo do Oxford e que fez com que você se tornasse sóbrio?

Abby respondeu: É muito simples: Torne-se honesto e fale com os outros, procure reparar o mau que você já fez para os outros, procure ajudar aos outros e peça a ajuda de Deus. Qualquer Deus, a maneira que você possa entendê-lo, para ajudá-lo a fazer estas quatro coisas.

Porque ele havia mencionado D-e-u-s. Eu disse: não, muito obrigado! Eu ainda rejeitava a idéia de um Deus pessoal.

Que piada! Que desperdício, eu disse para mim mesmo.

Eu continuei deitado e foi se tornando cada vez mais escuro aquele quarto.

E, sentindo ainda um pouco de dor, eu cai na depressão mais profunda que jamais tinha sentido.

Fui caindo, caindo, como descendo numa fossa profunda e escura até que cheguei ao fundo.

E, como foi dito antes, quando eu fui introduzido para falar, que eu tinha vivido muitos momentos na minha vida. Por um breve momento o meu orgulho, a minha resistência orgulhosa me deixou.

E de repente eu estava gritando: Se existe um Deus, que ele apareça para mim!

Eu estou pronto para fazer qualquer coisa, qualquer coisa!

E, de repente meu quarto ficou iluminado por uma luz imensa e brilhante.

Eu cai num êxtase que não existe palavras que possam descrever. Parecia para mim, aos olhos da minha mente que eu estava numa montanha e que um vento não de ar mais do espírito estava assoprando. E irrompeu em mim, senti que eu era um homem livre!

E a obsessão de beber me deixou.

Aos poucos o êxtase foi diminuindo.

Eu continuei em meu leito, porém agora eu me encontrava em outro mundo, num mundo novo da consciência!

Ao meu redor e dentro de mim havia um sentimento de uma presença maravilhosa.

Eu pensei comigo mesmo; "então e este o Deus dos pregadores?"

O Deus de que eles vêem falando todos estes anos? E uma paz muito grande me envolveu e eu pensei; não importa que as coisas pareçam erradas, entretanto todas coisas estão certas com Deus e seu mundo. Senti-me na presença de Deus, certo de que minha mente era inquisitiva e normal.

E, ao mesmo tempo a minha mente começou a dizer-me: Oh meu Deus, esta alucinação e a avó de todas alucinações!

É meu começo de caída na loucura que o doutor descreveu para mim. Eu fiquei amedrontado e pedi a enfermeira para chamarem o doutor Silkworth.

Ele veio e sentou-se na beirada de minha cama.

Eu contei para ele o que havia acontecido; e não sei de onde eu tirei a coragem para perguntar-lhe: Doutor, isto quer dizer que eu estou ficando mesmo louco?

Ele franziu as sobrancelhas e depois de uns momentos respondeu: Não, meu rapaz, não. Eu não presenciei o que aconteceu com você, entretanto, já li num livro a respeito de alcoólicas que se tornam sóbrios e posso dizer-lhe tudo aquilo que você tem.

Eu vi você momentos antes e não tinha a menor esperança de que você pudesse começar uma vida nova.

É melhor que você guarde com todo cuidado tudo isto que aconteceu com você, pois é a única coisa que você tem.

Depois disto, ele foi-se embora eu adormeci, tranqüilo, como uma criança.

Pela manhã, mais luz e claridade vieram para mim, quando o meu amigo Abby veio visitar-me.

Logo fui contando para ele o que havia sucedido comigo.

Ele saiu e mais tarde voltou com um livro, escrito pelo Dr. William James: "as variedades das experiências religiosas".

Dr. William James, um psicólogo graduado da Universidade de Harvard.

O livro era muito difícil para mim, contudo eu o devorei, lendo-o todo de uma vez.

Descobri, como quem descobre o valor de alguma coisa em dinheiro, o que havia acontecido comigo.

No livro, ele explicava de maneira clara e científica o que tinha acontecido comigo. E descrevia mais ainda, outras experiências religiosas semelhantes a minha, acontecidas com outras pessoas.

E, de acordo com as experiências religiosas que ele descrevia, eu identificava com a minha própria experiência.

E descobri assim, que outras pessoas tinham tido a mesma ou experiência semelhante a minha.

E sendo um alcoólatra, eu me perguntava: Como isto pode ter acontecido comigo? Por que comigo?

Compreendi então, que durante os meus anos de alcoolismo, tinha sido como se eu estivesse numa caverna.

E, meus amigos e familiares, principalmente minha esposa estava de fora desta caverna chamando me para fora.
E, meu amigo Abby, que tinha estado numa caverna semelhante, quando ele estava bebendo, tinha encontrado o caminho de saída.
Depois que ele saiu de sua caverna, ele veio me chamar e me deu a mão para eu sair da minha caverna.
Um alcoólico ajudando ao outro.
Conclui, então, o que eu queria e devia fazer: Ajudar aos outros alcoólicos como eu.
Quando deixei o hospital, entrei no grupo Oxford, e assim eu continuei, e nos seis meses seguintes eu falei com muitos alcoólicos.
Ninguém me ouvia ou prestava atenção, eu não conseguia ajudar ninguém.
Eu estava convencido que todo mundo teria que ter a mesma experiência, de estar no alto de uma montanha e ter uma luz brilhante para iluminá-los e um vento soprando.
Todos fugiam de mim!
Alguns me diziam: Bill diga-nos que bebida você tomou naquele dia, para que não bebamos da mesma!
Eles pensavam que eu tinha tido uma alucinação.
Finalmente desencorajado, eu fui falar com o Doutor Silkworth.
Eu lhe disse: Doutor, por que eu não consigo ajudar as outras pessoas como o Abby pode ajudar-me?
Ele me respondeu: Bill, vou dar-lhe um conselho e você escuta se quiser.
-Bill, eu tenho ouvido você falar com outras pessoas; por que você não deixa de fora a idéia de Deus? Não fale de Deus, fale de você, de um alcoólico para outro alcoólico. Deixe que eles próprios façam a conexão; do sofrimento, da angustia, da dor, das mentiras.
Quando você conseguir fazer esta conexão, então fale de Deus, da parte espiritual.
E quando comecei a fazer assim, eles pararam de fugir de mim.
Ninguém deixou de beber, contudo eles começaram a me ouvir.
E logo os meus amigos e familiares começaram a dizer: Hei quando e que o Bill vai decidir voltar a trabalhar para tirar a Loiz daquela porcaria onde ela trabalha?
Eu compreendi que eles tinham toda a razão.
Eu não tinha tido nenhum sucesso com a minha tentativa de tratar com os alcoólicos.
Comecei então, a procurar algum trabalho andando pelas ruas e procurando aqui e ali.
Finalmente fiquei informado a respeito de um negócio que estava para ser começado em Akron.
Preparei-me para esta chance de conseguir alguma coisa. Mas, antes de falar o que eu fui fazer em Akron tenho que parar por uns minutos para um descanso.
(Intervalo)
Muito obrigado, fico contente de ver que ninguém foi embora e continuam ainda aqui.
Ante de começar, quero ter esta oportunidade de dizer que, quando fui introduzido por Peter para falar; na introdução, ele disse alguma coisa a respeito do anonimato.
"Anonimato e a fundação espiritual da nossa organização".
Eu gostaria de notar um aspecto, muito importante a respeito do anonimato. Contudo, nunca deixe que isto interfira na sua habilidade de ajudar outra pessoa.
Não seja tão anônimo como uma pessoa que eu conheci em um dos grupos; ele era tão anônimo que nem o padrinho dele sabia que ele pertencia ao grupo.
Não seja assim tão anônimo.
Akron em 1935 era uma cidade dividida entre si mesma.
Akron era matriz de das maiores companhias de pneus: Goodyear, Firestone and National Rubber.
Era minha intenção e de vários investidores tomar o controle de uma pequena companhia de máquinas que fornecia para as três grandes companhias.
A nossa intenção para conseguir isto, seria através de procuração.
E para assim fazer seria necessário informações de dentro. Mas, conforme eu já disse, a cidade era tão dividida entre

as três companhias que se você falasse com uma, não conseguiria falar com a outra. E porque éramos um grupo de New York, ninguém quis falar conosco. Um outro grupo veio de Chicago, e como eles eram do Middlewest, eles conseguiram, porque eles tinham um caminho particular para conseguir o contrato. E eles conseguiram o contrato. Como não havíamos conseguido, os investidores decidiram voltar para New York. Eles tinham motivo para voltar; eu não tinha nenhum motivo para voltar. Decidi ficar, pois esta era a minha única chance de me tornar presidente daquela companhia que eu queria criar. Esta seria a minha salvação para pagar minhas contas e ajudar a Loiz. Eu iria começar a minha vida de novo. Eu conversei com eles, e ficou decidido que eu poderia permanecer em Akron. E assim todos foram de volta para Nova York e eu fiquei. Eu havia ficado, para tentar descobrir se existia alguma coisa ilegal no contrato que as companhias tinham feito entre si. Uma outra razão para eu continuar em Akron era porque o hotel já estava pago. Ainda melhor se eu conseguisse descobrir algo ilegal no contrato feito pelas companhias, nos poderíamos processá-los e talvez recuperar grande parte do dinheiro que tínhamos investido. E foi assim que naquele sábado, véspera do dia das mães, eu me encontrei no salão de entrada do Mayflower Hotel andando de um lado para o outro. Quase no fim do salão, estava a mesa de recepção e o empregado que era encarregado de receber os hóspedes. Atrás da recepção estava à entrada do bar. Depois de muito tempo andando daqui para lá, eu decidi entrar no bar para tomar uma ginger-ale. Comecei a prestar atenção no barulho do bar e aos poucos comecei a sentir uma nostalgia muito profunda; e ela foi aumentando cada vez mais. Eu tomei o copo de ginger-ale, e tentei conversar com alguém para matar o tempo. E assim que bebi a ginger-ale eu comecei a entender o que realmente havia acontecido comigo naquele dia do Armistício, quando eu tinha ido ao Clube de Golfe em Staten Sland, o que eu queria não era simplesmente beber ginger-ale, mas sim ficar bêbado! Como eu tinha 10 dólares no bolso e naquele tempo em Akron com 10 dólares você podia ser rei por um dia. Isto era muito dinheiro! Como eu já estava sóbrio por um bom tempo, compreendi que deveria sentir medo da maneira em que eu estava pensando e racionalizando! Eu entendi logo o que deveria fazer se quisesse continuar sóbrio. Esta não era maneira de continuar pensando e manter-se sóbrio. Eu tinha a necessidade de encontrar um bêbado para ajudar, e eu sabia que ele poderia me ajudar mais do que poderia ajudá-lo. Não tinha mais dúvida, eu tinha que encontrar um alcoólico para conversar comigo. Entretanto eu era novo em Akron e não conhecia ninguém. Voltei para o salão do hotel e continuei andando de um lado para o outro, de repente não sei explicar por qual razão; comecei a ler um diretório de igreja que estava no meio do salão do hotel, na parte de baixo do diretório vi um nome que chamou minha atenção: Reverendo Walter Tonk. Quando eu era criança em Vermont quando andava pelos bosques com outras crianças, costumávamos dizer que fizemos um (tonk) caminhada. Este nome foi como uma pista para mim. Eu peguei na lista telefônica e encontrei o nome e o número do reverendo Tonk. Disquei o número dele e foi ele mesmo que atendeu. Para vocês que jogam baseball isto foi como uma jogada de final de jogo e um alívio. Eu estava falando com o fã número um do Oxford grupo de Akron, Ohio. Expliquei para ele o que queria e também que eu era recém-chegado de Nova York e estava sóbrio por seis meses. E que eu necessitava era um encontrar um

alcoólico para ajudar.

Ele respondeu que sentia muito, porém não sabia e nem conhecia nenhum alcoólico. Mesmo em caso de que ele conhecesse, ele não poderia dar o nome para mim. Na opinião dele, para lidar com um alcoólico já era difícil demais, e seria muito mais difícil para eu cuidar de mim e de outro alcoólico. Depois de um momento ele continuou, eu conheço alguns membros do Oxford grupo.

...